



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



PLATA YVYGUY - MANIFESTAÇÕES DA LENDA DOS TESOUROS ENTERRADOS NO JORNALISMO PARAGUAIO¹

COSTA, Andriolli de Brites²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo levantar um questionamento sobre as relações estabelecidas entre jornalismo e a realidade a ser apresentada no texto noticioso, num processo que prima pelo objetivo e deixa de lado, muitas vezes, as manifestações da subjetividade. Tendo como base a cobertura jornalística da lenda de *Plata Yvyguy*, bastante frequente na imprensa paraguaia, busca-se mostrar como a correspondência com o real é um objetivo complexo, que não deve levar em conta apenas o pertencente ao domínio do concreto e dos sentidos, mas também o do fantástico e do imaginário – onde se enquadram mitos e lendas folclóricas.

Palavras Chave: jornalismo, realidade, mito, imaginário, Paraguai

Introdução

Fundamentada com bases na razão empírica, em um raciocínio de cunho positivista e por vezes tecnicista, a prática jornalística orienta-se fortemente em noções e ideais como a verdade, a objetividade e principalmente a realidade. Procurando a correspondência entre o mundo ao seu redor e aquele apresentado no texto jornalístico, o repórter - tal qual cientista do século XIX - distancia e diferencia sujeito de objeto, separa razão de emoção e racionalidade de fantasia. Essa divisão, no entanto, é vista como um equívoco de percepção, segundo Morin: “Nós é que cindimos a unidade contraditória do prático e do mágico, ou antes, daquilo que principiamos a designar por prático e por mágico, quando utensílios, vestuário, caras e imagens existem nos dois registros” (1997, p. 179). Colocados em oposição antagônica, a visão dicotômica destes conceitos eclipsa a percepção da riqueza e da complexidade daquilo que compõe, de fato, o que podemos compreender por realidade.

A questão se complexifica ainda mais quando a cobertura jornalística precisa levar em conta aquilo que, a princípio, não pertenceria ao domínio do real em seu sentido de concreto. De maneira geral, o sonho, o fantástico, o lendário, não encontram espaço no jornalismo *mainstream*, e nem mesmo nas abordagens mais tradicionalistas das teorias do jornalismo que, como afirma Gislene Silva, “ignora ou recusa as manifestações sensíveis e emocionais,

¹ Trabalho apresentado para o III Ebecult

² Mestrando em jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. andriolli_costa@hotmail.com

simbólicas e míticas do mundo imaginário, percebidas aquém e além do que nos mostram os recursos do racionalismo” (2010, p. 2).

Ao encarar a realidade como um critério de noticiabilidade, onde a não-correspondência com o “real” implica no acontecimento ser esvaziado de seu valor noticioso, resta ao imaginário – ao manifestar-se nos veículos jornalísticos – uma abordagem voltada para o entretenimento, em uma cobertura que chama atenção para o curioso, o exótico, ao estilo *fait-divers*.

No âmbito da cultura popular, por exemplo, têm-se grande dificuldade em abordar objetivamente matérias que tratam de elementos envolvendo manifestações imaginárias como no caso dos mitos e lendas. A dificuldade de obter imagens para cobrir as narrações em *off* na televisão, ou de fotos para acompanhar uma matéria num veículo impresso, leva ao abuso da utilização de trechos de obras cinematográficas, de animações, de ilustrações ou mesmo de caricaturas, reforçando o tom jocoso da matéria como mostra Luiz Gonzaga Motta na análise da matéria “‘Lobisomem’ ataca em seringal no Acre”, publicada no jornal O Globo (2006, p. 104-109). E mais; em casos que envolvem não apenas um único relato fantástico, mas uma série deles, os acontecimentos são tratados como histerias ou alucinações coletivas.

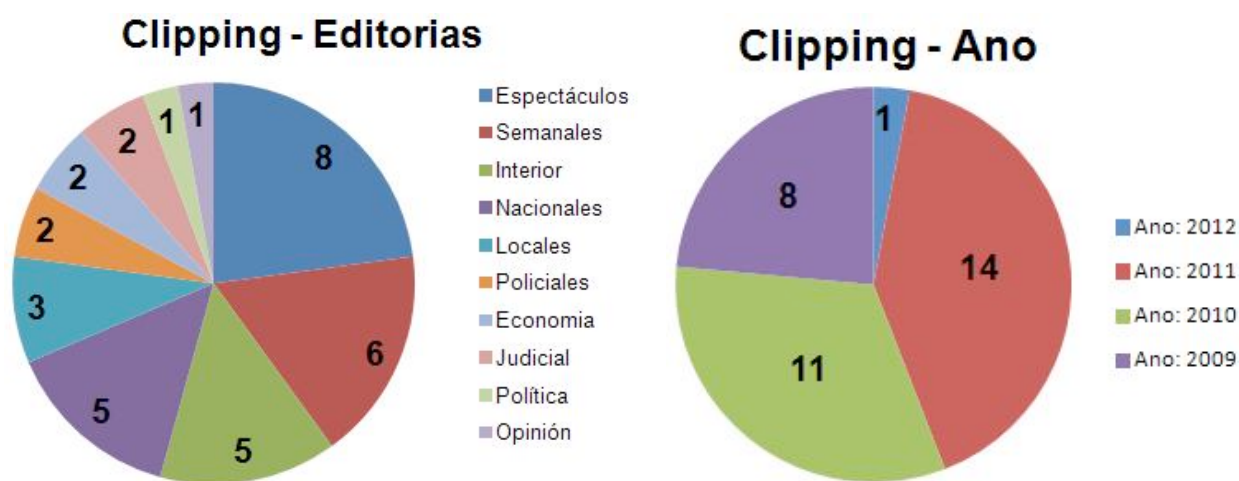
As notícias se preocupam mais em explicar cientificamente tais fatos e amenizar os efeitos do fantástico. No máximo dedicam tempo ou espaço às repercussões sociais que certos acontecimentos causam, não aos fenômenos em si mesmos ou às experiências decorrentes de tais acontecimentos. (MOTTA, 2006, p. 9)

Nos veículos de comunicação da imprensa paraguaia, por sua vez, temos uma aproximação entre os comportamentos citados pelo autor. Experiências pessoais e as repercussões sociais geradas pelas manifestações do imaginário local ganham espaço nas páginas do jornalismo paraguaio, onde é frequente encontrar matérias relacionadas a uma lenda muito recorrente na região; a da *plata yvyguy*. O termo, que em guarani significa “tesouro enterrado”, diz respeito a crença de que haveria toneladas de ouro escondidas no subsolo paraguaio desde o período das missões jesuíticas e, principalmente, com a Guerra do Paraguai (GONZALES TORRES, 1995, p.149). De maneira geral, a cobertura dos eventos que envolvem tal crença não buscam desacreditar a lenda, minimizar a importância do acontecimento gerador da notícia e nem mesmo incentivar a sua espetacularização.

É o que se percebe considerando uma análise preliminar de clipping do jornal *ABC Digital* (www.abc.com.py), considerado o maior do país vizinho. Ainda que o veículo aceite o imaginário dos tesouros enterrados como ponto de partida da notícia, percebe-se que não é o mito o personagem principal da narrativa jornalística. O “protagonista” do texto é o escritor que se inspirou em *plata yvyguy* para escrever uma peça (ABC DIGITAL, 200111); o buscador

de tesouros que morreu ao cavar um poço (*Id.* 2010k); o entrevistado que rezava a Deus para encontrar ouro enterrado e nunca mais passar fome novamente (*Ibid.* 2011e).

A análise foi realizada entre os meses de agosto de 2009 e janeiro de 2012, onde foi possível perceber a presença da lenda não apenas nas editorias mais livres, marcadas por uma abordagem ao estilo *soft news* (como em Cultura ou Entretenimento), mas também – e com grande peso – nas editorias mais tradicionais. Durante o período analisado, foram identificadas 35 matérias que apresentaram o termo *plata yvyguy* no corpo de texto. Destas, 40% pertenciam as editorias de *Espectáculos* e na *Semanales* (uma coluna mais livre que permite estilos que vão da entrevista até a crônica). As demais matérias clippadas (60%) dividiam-se entre as seguintes editorias: *Interior*, *Nacionales*, *Locales*, *Policiales*, *Economia*, *Judicial*, *Política* e *Opinion*. Em todas elas a abordagem do tema deu-se de maneira séria, tanto pelas editorias mais leves quanto pelas mais tradicionais.



O mito, entendido aqui em sua dimens3o cultural e folcl3rica como uma manifesta3o do imagin3rio de uma sociedade, n3o 3 apenas uma ideia arquet3pica ou uma tradi3o ligada ao passado. 3 um elemento gerador de a3o3es concretas nas pessoas, que tomam ou deixam de tomar atitudes, comportam-se desta ou daquela maneira por sua influ3ncia, em um conceito nomeado pelo antrop3logo Marshal Sahlins como “mitopr3xis” (1981). E s3o esses acontecimentos, que ocorrem concretamente em nosso mundo, e n3o o mito em si, que podem ser alvo de uma cobertura jornal3stica.

A constru3o do imagin3rio de Plata Yvyguy

A cren3a que move pessoas a buscar ouro escondido vem fundamentada por uma contextualiza3o hist3rica que oferece sustentaa3o 3 lenda. Benito Ch3vez, um conhecido ca3ador de enterros mexicano, compartilha seu entendimento de tesouros como “*Una cantidad de monedas, lingotes de oro, plata, piedras preciosas, alhajas, etc., acumuladas por su due3o*”

(1999, p.17). O autor também salienta que em determinadas circunstâncias, como guerras, assaltos, falta de bancos na região ou simplesmente a sensação de insegurança, os possuidores destas fortunas se viram obrigados a esconder suas posses para evitar que fossem perdidas.

É justamente essa insegurança que permeia todo o histórico da ocultação de tesouros, uma crença que remete ao tempo da presença da Companhia de Jesus em território paraguaio, e sua futura expulsão pela coroa espanhola em 1767. Em entrevista ao *ABC Digital* (2011c), Villagra Marsal – escritor e pesquisador da história paraguaia - relata que naquela época as missões paraguaias eram as mais ricas e prósperas em atividade, e quando houve a expulsão, os jesuítas foram obrigados a partir com *"una mano detrás y otra adelante"*, sendo inclusive despedidos para averiguar se levavam consigo algum tesouro. Ainda segundo o entrevistado, tal riqueza estaria nas mãos dos padres devido ao monopólio de exportação da erva-mate, couro e tabaco que os jesuítas possuíam. O próprio pesquisador compartilha: *"Se habla de una cantidad muy grande que está reunida en un solo lugar, 27 toneladas de oro"*.

Remetendo a esta época, quando história e memória se fundem numa coisa só, surgem as narrativas orais sobre os tesouros ocultos, com doses de misticismo e sobrenatural. É o que relata Gonzales Torres em *Folklore del Paraguay*.

Cuando los Padres Jesuítas se retiraron de la Misiones escondieron en un lugar desierto todos sus tesoros, dinero, alhajas y los libros de su sabiduría. Para ello construyeron edificios con profundos y largos subterráneos entregados a la protección de indios malos o espíritus y monstruos. (GONZALES TORRES. 1995, p.97).

A versão mais recorrente da lenda diz respeito ao período da Guerra do Paraguai (1864-1870). No entanto, a grande presença de ouro entre as famílias, e que teria sido escondido durante o conflito, se refere ao período anterior ao general Francisco Solano López. No governo de seu pai, Carlos Antonio López, o Paraguai tinha monopólio sobre a exportação de todos os produtos produzidos no país. Deste modo, o povo deveria produzir e fornecer ao estado, que revendia e repassava a parte que cabia a cada família. *"Como no había banco, el Paraguay cobraba también en oro y en libras esterlinas y, por tanto, el Gobierno pagaba también en libras esterlinas"* (SIQUEIRA, 2011).

Na literatura militar, a busca por tesouros escondidos durante o conflito armado está registrado mesmo durante o período da Guerra, como relata o general Dionísio Cerqueira no livro de memórias do exército *Reminiscências da Campanha do Paraguai*.

Quando o exército entrou em Assunção, achou-a abandonada. Pouco a pouco foram aparecendo mulheres idosas, como que explorando. (...) De vez em quando, entrava uma pela casa de um oficial e pedia humildemente para levantar um tijolo ou cavar um buraco – e tirava uma panela com onças e patações. (CERQUEIRA, 1980, p. 309)

A versão dos enterros como fruto da Guerra do Paraguai é relativamente conhecida em estados brasileiros que fazem fronteira com o Paraguai, especialmente Mato Grosso do Sul – um dos palcos diretos do conflito armado e herdeiro de diversos territórios outrora paraguaios. Neto (2004) cita um censo populacional realizado em 1870, indicando que 70% da população do país vizinho morreu na guerra, principalmente de fome e de doenças (p. 27), especialmente a população masculina. Além do povo, o Paraguai também perdeu grande parte de seu território, sendo obrigado pelo Tratado de Paz (1872) a ceder ao Brasil os territórios entre o Rio Branco e Apa. Em Mato Grosso do Sul, diversas cidades da região Sul como Bela Vista, Antônio João e Ponta Porã pertenciam ao antigo território paraguaio.

Em sua tese de doutorado sobre os “causos” da região do Pantanal sul-mato-grossense, Ricardo Pieretti Câmara reserva um capítulo inteiro para as narrativas colhidas sobre os enterros paraguaios – ou guardados, como registra algumas vezes. O autor relata que as narrativas de Enterro fazem parte da memória pantaneira e estão em um tênue limite entre fantasia e realidade. Das versões recolhidas por ele é frequente a que afirma que quando o exército paraguaio retroagia, já com a guerra avançada, precisava enterrar seu dinheiro pelo caminho – visto que carregavam muito ouro. “Esses enterros são cercados de histórias sobrenaturais e resvalam nos relatos de assombração, porque se acredita que o dono do dinheiro matava o ajudante que estivesse junto, para não sobrar testemunha” (CÂMARA, 2007, p.148).

Ainda no trabalho de Câmara (2007, p.148), está presente a citação de um de seus entrevistados, o pantaneiro Seu Oscar, que afirma: "Esse negócio de enterro de ôro só ixiste aqui na nossa rigião, né. Porque, isso foi do tempo da guerra do Paraguai c'o Brasil". Ainda que não se possa negar esta afirmação, visto que a crença da maneira como se manifesta localmente é realmente singular - como de fato se caracterizam as lendas, segundo Cascudo (1985, p.52) - a crença dos tesouros enterrados está diretamente ligada aos mitos ígneos e do ciclo do ouro.

É o que demonstra Mário Cezar da Silva Leite, em seu estudo dos mitos aquáticos mato-grossenses. "A relação fogo e ouro como um mesmo ser estabelece-se também se a pessoa que for desenterrá-lo não for escolhida, a presentada, pela alma que o enterrou. Neste caso, a pessoa vai encontrar, em lugar de ouro, 'só carvão" (SILVA LEITE, 2003, p.111).

A lenda dos enterros também dialoga com outra bastante difundida nas regiões sul e sudeste do país, a da Mãe-de-ouro, que também aparece para o escolhido na forma de um brilho no céu ou por meio de sonhos. Documentações sobre a lenda foram compiladas por Cascudo (2002, p.311), que propõe. "Ubi Est Ignis Est Aurum".

Ainda em território brasileiro, uma menção aos tesouros escondidos pode ser encontrada em Casa-Grande e Senzala, de Gilberto Freyre relata em Casa-Grande. De acordo com ele, entre os costumes dos senhores de engenho de cana-de-açúcar, havia o de esconder seus bens preciosos em botijas e enterrá-las próximas de si. Neste local a crença, no entanto, nada tem a ver com a Guerra do Paraguai.

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as jóias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos de as casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas (...) com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. (FREYRE, 1963, p.15-16).

De fato, histórias sobre tesouros ocultos permeiam o imaginário popular em várias regiões do mundo. Gilbert Durand citado por Câmara encontrou e analisou pontos das tradições orais que compartilham narrativas sobre ouro enterrado. De acordo com ele, o ouro é uma substância ambivalente, que motiva riquezas e causa de desgraças, e sua ligação com o enterramento ou enterro remete ao desejo de assegurar conforto e riquezas no além.

Muitas vezes este ouro escondido é fechado num cofre ou num caldeirão, como a *Saga du scalde Egil* escondido num pântano. Esses assessorios habituais do tesouro lendário reforçam a polarização do ouro no seio dos símbolos da intimidade". (DURAND, 2002, p.265).

A percepção de que as narrativas sobre tesouros ocultos estão presentes ao redor do globo em manifestações diferentes vai de encontro ao que propõe Propp (2006), em seu estudo sobre o conto maravilhoso ao afirmar que nas narrativas orais existe um número relativamente pequeno de histórias (grandezas estáveis). Porém, é na alteração dos detalhes (as grandezas variáveis), que se alteram dependendo do lugar, da língua ou dos costumes, que surgem a infinidade de histórias que encontramos hoje. Deste modo, explica-se a inclusão da Guerra do Paraguai no contexto da lenda apenas naquela região, visto que foi um local onde tal acontecimento teve grande relevância. Isso também corrobora com o raciocínio de Goody e Watt (2006), lembrado por Netto (2008)

O reflexo da transformação social manifesta-se nas readequações dos meios de transmissão às novas necessidades, por exemplo, na readequação dos mitos de origem, na reformulação das genealogias, na inserção de novas passagens, e assim em diante. (NETTO, 2008, p.24).

Jornalismo e Múltiplas Realidades

Se, como vimos, o pragmatismo jornalístico busca a correspondência com a realidade como princípio para a noticiabilidade de um acontecimento, cabe primeiro entender a relação entre jornalismo e realidade de acordo, que é percebida por diferentes prismas de acordo com cada paradigma teórico investigado. Dentre os mais conhecidos estão o embate de perspectivas entre a *teoria do espelho* e as *teorias construtivistas*. A primeira entende que o jornalismo é capaz de refletir a realidade tal como ela é. Já a segunda traz a compreensão de que não é possível reproduzir a realidade, apenas reconstruí-la e representá-la de acordo com as limitações da percepção do repórter, do universo do discurso e da linguagem, pois, como expõe Traquina: “A própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta de significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível”. (2001, p. 60).

Mais do que isso, as teorias construtivistas defendem que não é possível estabelecer uma distinção entre a realidade e o jornalismo, visto que os próprios meios de comunicação também representam um papel na construção da realidade em que vivemos. Exemplificamos com o caso do Paraguai: Notícias sobre *plata yvyguy* são publicadas por terem relevância social, visto que a lenda faz parte do horizonte cultural da sociedade paraguaia. Ao mesmo tempo, ao noticiar tais informações, o veículo também reaviva o imaginário da busca por tesouros ocultos em seus leitores, podendo mesmo incentivar novos buscadores e iniciarem suas caçadas. Tal como propõe Berger e Luckmann (1966), ao afirmar que o homem é ao mesmo produto e produtor de seu mundo social, o jornalismo também reproduz e influencia a realidade, num processo dialético. Se a analogia com o espelho ainda pode ser usada, ao buscar refletir a realidade, o jornalismo também a refrata, como sugere Bakhtin (1992).

Exageros teóricos foram muito comuns aos construtivistas, ao supervalorizar o efeito da mídia informativa em seu processo de refração da sociedade. Alsina, por exemplo, afirmava que o processo de construção da realidade social “depende completamente da prática produtiva do jornalismo” (2009, p. 46). Verón, no mesmo raciocínio, enxergava os meios informativos como “o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade” (1995, p. 2). No entanto, não se pode desvalorizar ou minimizar a importância da pesquisa dos autores na compreensão da força do universo do discurso jornalístico.

Verón defendia que os acontecimentos sociais só se tornam, de fato, socializados a partir do momento que se tornam conhecidos. Mais do que isso, para ele “os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua *realidade discursiva*” (1981). Sponholz, numa reflexão ontológica e epistemológica sobre objetividade e jornalismo, utiliza um termo similar, *realidade midiática*, para tratar de uma realidade secundária e simbólica, construída pelo discurso jornalístico, e que diz respeito a uma realidade primária. Ressalta a autora que,

por mais que o jornalismo busque a fidelidade aos fatos – e, por consequência, a correspondência com o real – a notícia será apenas uma representação, e nunca o fato em si.

A realidade midiática é seletiva. Ela segue as mesmas regras que um ser humano obedece para entrar em contato com a realidade. Só alguns aspectos do mundo exterior são absorvidos. A realidade midiática apresenta a realidade primária através de uma extrema redução de complexidade. (Sponholz, 2009, p. 90)

Ao tratarmos de uma realidade secundária e representativa, implicamos obrigatoriamente na existência de uma realidade primária, que foi representada. Mas afinal, o que é esta realidade primária é esta de que estamos falando? Como é possível identificar aquilo que seria real no meio de tantos mundos possíveis? O real estaria no mundo natural e físico, ou também haveria acentos de realidade no mundo social em que estamos inseridos? Mesmo diante da objetividade da ciência, encontramos um universo que muda de regras no âmbito do macro e do micro; e é explicado de maneiras absolutamente diferentes perante a física quântica e da mecânica – da mesma forma como são variantes os domínios da razão e do imaginário.

Para Schutz, logo que nascemos somos inseridos ao mesmo tempo em um mundo natural – da natureza e suas regras – e do mundo social, construído pela sociedade. Ambos possuem acentos de realidade igualmente relevantes entre si, visto que as construções do mundo social, ainda que convenções humanas, são essenciais para a vida em sociedade, alcançando assim um status de concreto. "Nasci num mundo social pré-organizado que vai sobreviver a mim", diz ele. O mundo social transcende a realidade da vida diária. (1979, p. 241).

O filósofo Karl Popper também apresenta uma proposta da divisão de mundos. O Mundo 1 abrange o mundo físico, e suas manifestações naturais, que existem a parte do ser humano. O Mundo 2 é composto de estados de consciência, comportamentos e disposições a agir. Por sua vez, o Mundo 3 é formado por ações e produtos humanos, como as manifestações artísticas. Ambos comportam, cada um, realidades diferentes, onde estamos inseridos durante a vida, e podem ser entendidos como distribuições entre o que representaria a realidade física, social objetiva e social subjetiva, respectivamente, (citado por Sponholz 2009, p. 68)

Por sua vez, o psicólogo William James, propõe a existência de não apenas três, mas de infinitos mundos, ou "subuniversos". Cada qual com sua especificidade, organizam-se como províncias de significado aos quais atribuímos o acento do real. Desta forma, teríamos um mundo da ciência, um das relações ideais, o dos ídolos da tribo, os vários mundos das opiniões individuais, da loucura, da mitologia e da religião. "Cada mundo, enquanto se está concentrado nele, é real segundo o seu próprio estilo", afirma o autor (*apud* Schutz, 1979, p. 248).

Ainda que elencando diversas províncias de realidade, James elegia o mundo dos sentidos e das coisas físicas como o que seria a *realidade suprema*. Schutz adapta levemente o conceito para entender como suprema a realidade da nossa vida cotidiana, aquela percebida pelo nosso pensamento do senso comum como um pressuposto. Na realidade cotidiana estão não apenas os objetos, fatos e eventos físicos ao nosso alcance - real e potencial – “mas também referências de apresentação de ordem inferior, pelas quais os objetos físicos da natureza são transformados em objetos sócio-culturais (1979, p. 249)”, ganhando novos significados. É o que acontece no caso do papel-moeda, por exemplo, que tem seu valor monetário atribuído socialmente.

A realidade da vida cotidiana é admitida como sendo a realidade. Não requer maior verificação, que se estenda além de sua simples presença. Está simplesmente aí, como facticidade evidente por si mesma e compulsória. Sei que é real. Embora seja capaz de empenhar-me em dúvida a respeito da realidade dela, sou obrigado a suspender esta dúvida ao existir rotineiramente na vida cotidiana. (Berger e Luckmann, 1966, p. 41).

Considerações Finais

Ao considerar que o discurso jornalístico constrói uma realidade secundária, simbólica e representativa, de uma realidade primária que engloba as percepções do repórter sobre o mundo físico e social, percebe-se uma complexidade muito maior no relato do que a simples busca pela objetividade na correspondência dos fatos pode dar conta. Mais do que isso, ao abrir os olhos para as múltiplas perspectivas de realidades que, independente da reflexão pessoal de cada autor, levam a um entendimento conjunto de que buscar corresponder ao real, frente ao sem número de realidades possíveis é uma esperança ilusória.

William James defende que nosso primeiro impulso é afirmar imediatamente a realidade de tudo o que é concebido, enquanto isso permanecer sem contradição. "Acredita-se em todas as proposições [...] através do próprio fato de serem elas concebidas, a não ser que se choquem com outras proposições em que se acredita ao mesmo tempo" (*apud* Schutz, 1979, p. 248). Acrescido a isso, o jornalismo possui um contrato social acordado com seus leitores, comprometendo-se em primeira instância com a verdade. Desta forma, levando em conta critérios como a credibilidade e a confiança do veículo, pode-se afirmar que para o leitor fidelizado, a matéria jornalística possui implícita a ideia de correspondência com o real, ainda que a realidade social não seja equivalente a realidade midiática e nem que esteja 100% representada nesta.

Esta realidade é construída com base nas limitações do olhar do repórter, do enquadramento e direcionamento do texto, entre outros fatores, fazendo com que dentro de sua coerência interna, a realidade apresentada pelo texto jornalístico possua equivalência com o que se entende por

real. Tal crença será posta em cheque, no entanto, caso o leitor possua informações que divergem do que foi noticiado, em que pese a credibilidade de cada fonte.

Assim, o argumento de que mito não é noticiável pelo jornalismo tradicional perde valia, visto que ao inspirar ações que se manifestam nos domínios do mundo físico ou apenas no pensamento, como nos mundos de Popper. Para os que acreditam, o imaginário da lenda ganha acentos de real, fazendo com que a realidade mitológica cria fortes interfaces com a realidade social. E essas ligações são o que permitem mitos e lendas apresentarem-se numa cobertura jornalística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, P. L.; LUCKMANN [1966]. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GONZALEZ TORRES, D. M. *Folklore del Paraguay*. Asunción, Paraguay; Editora Litocolor SRL, 1995.

MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (orgs). *Jornalismo e acontecimento*. Florianópolis : Insular, 2010.

MELLO, G. B. R. Contribuições para o estudo do imaginário. *Em Aberto*. Brasília, v. 14, n. 61, p. 45-52. 1994.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Notícias do Fantástico: jogos de linguagem na comunicação jornalística*. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2006

FERREIRA NETTO, W. *Tradição oral e produção de narrativas*. 1. ed. São Paulo; Paulistana, 2008.

SAHLINS, M. *Historical metaphors and mythical realities*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1986.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

SILVA, G. Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. In: *Revista Famecos*. Porto Alegre, RS. Vol. 17, n. 3, p. 244-252, set./dez. 2010.

_____. *O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos*. Florianópolis: Insular, 2009.

SPONHOLZ, Liriam. *Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções*. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo Vol 1*. Florianópolis: Insular, 2004.